

Mistura fina, Vera Casa Nova
Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

Patrícia Carmello¹

Le sex de la nuit a souri a l'oeil unanime de la revolution.
Grafite anônimo em muro de Paris, maio de 1968

É a partir de situações cotidianas, da barbárie nossa carioca e mineira, locais de origem da autora – do estupro no táxi, da surra da polícia, da tortura na ditadura de 1968, dos sem-teto da periferia, mas também da conversa no botequim e outros casos tragicômicos – que Vera Casa Nova tece seus contos no livro *Mistura fina*, e vai erguendo suas barricadas. Parte de um desejo não todo submetido à ordem fálica, mas lançado pela palavra que libera o riso e a festa, onde se dança mesmo “desfilando de amarelo”, e onde se goza mesmo sob as preces dos pastores, como dançam e gozam suas protagonistas.

As histórias não são, porém, tratadas como fatos objetivos, como lembra a autora na espécie de introdução que dá título ao livro. É que, em meio às distintas vozes “passantes e passadas”, recolhidas para compor seu texto, uma parece predominar, e curiosamente apontar o método que ela julga inexistente: a voz do jornal, a crônica da vida nacional, que despeja o volume de crimes individuais *in natura* diariamente diante dos espectadores-ouvintes, e que aparece em diversos contextos ao longo do livro.

Entretanto, desde sua pesquisa de doutorado sobre almanaques antigos de farmácia, na qual explorou a relação entre texto e imagem, Vera parece tomar esse material, as notícias, exatamente como quem coleciona inscrições, ou como são apresentados os grafites dos muros de 1968 no livro de Olgária Matos, que não por acaso dá nome a um dos contos deste livro: *Paris 1968: as barricadas do desejo* – como legendas significantes dos movimentos estudantis e operários em ebulição na época. A frase epígrafe desta resenha, por exemplo, é lida como uma revivescência do Surrealismo retomado pelos situacionistas, que figuravam entre os principais responsáveis pela apropriação das ruas na forma de escritos no maio francês. Movimento artístico e político dissolvido em 1972, o situacionismo teve entre suas figuras centrais Guy Debord, um dos teóricos e cineastas da *montagem*, por sua vez proveniente do Movimento Letrista, um grupo que, nos anos 1950, pretendia restaurar a força primordial da

¹ Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Email: atriscp@hotmail.com.

linguagem, atribuindo à letra um sentido independente da palavra, ligado a seu caráter de som.

É, portanto, na qualidade de inscrições diagnósticas do nosso tempo que as notícias são recortadas e coladas sob outras configurações, sendo desnaturalizadas num processo de remontagem que, se em outros autores limita-se ao simples jogo ou pastiche, aqui é permeado por uma decisão crítica e ética por parte da autora.

Assim, em *Mistura fina*, operam-se inversões pouco comuns na cena literária contemporânea, e são traçadas verdadeiras vinganças contra as restrições do tempo: da espera criam-se espelhos e deleites, da miséria sai uma casa em construção, e até do estupro ouvem-se gritos de prazer. Tudo isso se escreve com humor muito distante do cinismo ou da hipocrisia, da recusa em ver saídas, ou do ver saídas demasiado fáceis para os conflitos apresentados, no já conhecido *entremeio* elaborado por toda a obra do pensador Georges Didi-Huberman, tão caro à escritora.

Mas, antes que se acendam fogueiras, não é demais pontuar: a literatura, compreendida como lugar de criação da realidade, não se confunde com ela. E, apesar de aquele gozo surgir na letra do texto como justificativa para a sobrevivência, logo se vê que ele advém do absurdo e provoca o riso (“os bandidos horrorizaram”), um riso que vem abalar a estrutura da notícia-clichê, que aparece enquanto tal em outro conto: “outra curra seguida de morte”. Trata-se, pois, da interrupção de sentido, ou da afirmação simbólica de que *a notícia pode ser outra*. De acordo com Debord, a passagem marcaria o momento em que a montagem se apropria das imagens reificadas e, ao revelar seu caráter cênico, toma de volta seu lugar ao espetáculo, desviando-as de seu sentido estabelecido através da irrupção de uma abertura a novos sentidos possíveis.

Os personagens de *Mistura fina* são desvalidos, “gente de rua e de morro”, restos que emperram o bom funcionamento da *máquina de criar desigualdades*. São principalmente mulheres que, desde crianças, apanham da polícia, são presas e assassinadas pela repressão, estupradas em táxis; ou, ainda, achando-se “peitudas e gordinhas”, tomam chá de cadeira nos bailes da juventude. Lembram, em singeleza, Macabéas e Miguilins, em cenários próximos da selvageria da urbe e do campo. Rio de Janeiro e Minas Gerais. Indo além, como não mencionar a poética de François Truffaut em *a Pequena ladra* ou em *400 golpes*?

E justamente por serem talhadas como imagens poéticas, imagem e escrita cumprem sua função de desrealização dessa realidade, bem como sua realização em novas bases, em outro nível, tocando o real, no aqui e agora: apesar de morrerem por overdose de merda (que merda? Escolha

o leitor, a este é dado, como em poucos, o direito de escolha). Pois, *apesar de tudo*, os personagens dessa mistura escolhem correr atrás do sonho, tecendo e bordando inusitadas realidades.

Já o narrador, em diversos momentos, confirmando a fineza do título, levanta-se com elegância, esbraveja e vibra, conversando com o leitor sobre o narrado, sobre o tempo e o amor, na justa medida em que *desbanaliza* a narração, sem, contudo, ofuscá-la. Conferindo alguma unidade aos contos do livro, marcados pela sua manifestação discreta, mas visível, o narrador, seguindo suas próprias palavras, “conta e desconta”, apenas para poder “contar o imprevisto”, realizando, com isso, aquilo de que toda boa literatura é capaz: tornar possível outra cena, outro modo, outras palavras...

Pura deriva, como quer a autora. Mas também puro retorno, pois, ao criar suas idas e vindas da vida que *se vinga* brincando, seu texto faz voltar e pensar, ou recriar outras formas de vida. Capaz de inscrever em nossos muros, em nosso tempo, uma vez ainda: “A imaginação toma o poder”. E o sexo da noite sorri, agradecido.

Referências

MATOS, Olgária C. F. (1981). *Paris 1968: as barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.

Recebido em dezembro de 2012.

Aprovado em janeiro de 2013.